

Caracterização dos Distúrbios da Comunicação em Escolares de Boquira - BA.

Resumo: O presente estudo teve como objetivo descrever as queixas relacionadas à comunicação dos escolares do ensino fundamental I da rede municipal. Participaram da pesquisa 90 escolares regularmente matriculados. A coleta foi realizada através da aplicação de questionário abordando dados sociodemográficos e questões sobre comunicação. Pode-se observar que 43,3 % das crianças referem dificuldade na comunicação, sendo maior frequência para dificuldade em leitura e escrita (43,3 %) seguida de trocas na fala (32,2 %). Os resultados do presente estudo demonstram que há alta frequência de queixas na comunicação entre os escolares.

Palavra chave: Alterações fonoaudiológicas, fonoaudiologia educacional, distúrbios da comunicação.

Abstract: This study aimed to describe the complaints related to communication of the student's elementary school in the local schools. In this study ninety students regularly enrolled were involved. Data were collected through a questionnaire covering demographic data and matters about communication. It could be observed that 43.3 % of children reported difficulty in communicating, being more frequently difficulty in reading and writing 43.3 % followed by 32.2 in speech exchanges. The results of this study demonstrate that there is a high frequency of difficulty in communication among students.

Key-words: changes speech therapy, speech education, communication disorders.

Caracterização dos Distúrbios da Comunicação em Escolares de Boquira - BA.

INTRODUÇÃO

A fonoaudiologia, ciência que estuda a comunicação humana e seus distúrbios tem se preocupado com a saúde e a qualidade de vida das crianças. São distúrbios da comunicação as alterações de fala, de linguagem e da audição. As repercussões que os distúrbios da comunicação podem gerar no próprio sujeito ou em seus familiares são de difícil mensuração. A prática clínica mostra que os danos causados por alterações na comunicação influenciam as relações do sujeito com o meio que o cerca e a sua auto-imagem, além de suas aprendizagens formais e informais⁴. É importante que o diagnóstico e intervenção sejam precoces, e dessa maneira possam ser realizadas ações em saúde, visando o bem estar dos indivíduos.

Segundo Wertzner e Lins, na alfabetização, as crianças transferem os erros do sistema de signos orais para o escrito, sendo um dos principais impactos das alterações de fala, as dificuldades de aprendizagem¹. Há estudos que mostram a alta prevalência de alterações fonoaudiológicas. Silva, Cãnedo & Marchesan, evidenciaram que a prevalência de alterações de fala em 523 escolares de 1ª a 4ª série de escola estadual de São Paulo foi de 37,1 %, sendo a maior ocorrência de distorções (35,8 % das crianças)². Rabelo e Friche, em pesquisa com 71 crianças de 5 a 9 anos de escolas particulares de Belo Horizonte e Bambuí (MG), demonstraram que 26,8 % das crianças apresentavam alterações na fala. Entretanto são escassos estudos que demonstrem prevalência de alterações de leitura e escrita³.

Devido a ausência de dados sobre a saúde fonoaudiológica dos escolares na cidade de Boquira-BA e sabendo da importância desses achados para a elaboração de planos de intervenção. Nesse sentido, o presente trabalho se propôs a descrever as queixas relacionadas à comunicação nos escolares do ensino fundamental I da rede municipal de Boquira.

MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho foi realizado dentro de uma abordagem quantitativa, através de estudo de corte transversal com amostra aleatória constituída de crianças de ambos os gêneros matriculados regularmente no turno matutino nas escolas municipais, selecionadas através de sorteio.

Foram incluídas na pesquisa as crianças que freqüentavam regularmente (menos de três faltas por semana) as duas instituições de ensino da rede municipal que existem na cidade e que não apresentavam nenhuma deficiência.

O trabalho foi aprovado pelo Instituto Mantenedor de Ensino Superior sob o protocolo 3514, seguindo as normas da resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. A pesquisa foi iniciada após assinatura dos termos de consentimento pelas diretoras da escola e pelos pais ou responsáveis pelos escolares.

Para cumprir os objetivos deste trabalho foram aplicados 90 questionários com as crianças, abordando dados sociodemográficos e questões sobre comunicação, com crianças do gênero masculino e feminino, com idade entre 6 e 14 anos, cursando do primeiro ao quinto ano. Os dados foram selecionados de acordo com a série, gênero e idade que os escolares apresentavam, foram e analisados no programa de compilação SPSS e apresentados por meio de análise descritiva.

RESULTADOS

Foram analisados os questionários de 90 crianças, 49 (54,4 %) do gênero masculino e 41 (45,6 %) do feminino. A média da idade das crianças foi de 8,4 anos (DP: 2,1 anos). As características sociodemográficas das crianças analisadas estão apresentadas na Tabela 1.

Entre as crianças analisadas, 43,3 % (n=39) apresentaram queixa sobre dificuldade na comunicação. A frequência de dificuldade na fala foi de 32,2 % (n=29), e a alteração mais encontrada foi troca em 28,8 %, (n=26) (Tabela 2). Em relação às crianças que apresentaram troca como dificuldade de fala, 65,38 % (n=17) eram meninos e 34,6% (n=9) meninas. Entre os escolares de 6 a 8 anos (n=50) e de 9 a 11 anos (n=30), observou-se troca na fala em 30 % dos casos, a faixa etária entre 12 e 14 anos, apresentou 11,1% (n=1) de troca na fala. Das séries pesquisadas, todas apresentaram queixas de troca na fala, sendo mais frequente no 1º ano (Tabela 2).

Em relação à queixa sobre leitura e escrita, encontrou-se uma frequência de 43,3 % (n=39), as queixas mais encontradas foram dificuldade em escrever textos com 41,1 % (n=37), ortografia 32,2 % (n=29) e troca de letras com 32,2 % (n=29) (Tabela 2). Nas dificuldades com ortografia e troca de letras observa-se maior ocorrência no gênero masculino com 58,6% (n=17), em escrever textos 59,45 % (n=22) das queixas são de meninos. Dentre os escolares com faixa etária de 6 a 8 anos, a dificuldade mais

mencionada é em escrever texto com 40 % (n=20), seguida de troca na escrita 30 % (n=15) e dificuldade com ortografia 26 % (n=13). Para a faixa etária de 9 a 11 anos destacam-se 33 % (n=10) para dificuldade em escrever texto e em ortografia e 16,6 % (n=5) com troca na escrita. Escolares com faixa etária de 12 a 14 anos observa-se igual percentual para dificuldade em escrever texto e com ortografia 77,7 % (n=7) e a troca na escrita foi observado em 44,4 % (n=4).

Das queixas analisadas, a dificuldade em ouvir foi observada em 6,6 % (n=6) dos escolares, sendo mencionada em 4,4 % (n=4) de escolares do sexo masculino e 2,2 % (n=2) do sexo feminino. A faixa etária que mais citou essa dificuldade foi entre 9 e 11 anos, representando 10 % (n=3) dos escolares dentro dessa faixa etária. A série em que essa queixa se manifestou mais freqüente foi o quarto ano, com 3 alunos referindo essa dificuldade (Tabela 2).

Observando as queixas encontradas em cada série, em relação as crianças com dificuldade em escrever texto 21,62 % eram crianças do primeiro (n=8) e do segundo ano (n=8), seguido de 27 % de crianças do quarto ano (n=10) (Tabela 2). No terceiro ano houve igual frequência para dificuldade no traçado da letra (n=4), ortografia (n=4) e em escrever textos (n=4) (Tabela 2). No quinto ano a principal dificuldade foi com troca na escrita.

Das crianças avaliadas, 21 (23,3%) apresentaram idade superior ao esperado para série em curso, o que foi considerado inadequação (Tabela 1). As crianças com inadequação estavam cursando o quarto e quinto ano, sendo que das 21 com inadequação, 14 apresentaram queixas na comunicação (Gráfico 2).

DISCUSSÃO

No presente estudo descreveram-se as queixas apresentadas pelos escolares e sua relação com as variáveis faixa etária, série, gênero e inadequação idade/série.

Os resultados apontam para as alterações encontradas, sendo 43,3 % (n=39) alunos com dificuldade em leitura e escrita, 32,2 % (n=29) com dificuldade de fala e 6,6 % (n=6) com dificuldade auditiva. No estudo de Caldas, os resultados apontam 100 % (n=80) alunos com alterações de leitura e escrita, 63,7(n=51) alunos com alterações de fala e 11,25(n= 9) com alterações auditivas⁵.

A frequência de queixas de leitura e escrita comparada às queixas de fala mostra valores próximos, o que pode ser justificado observando estudos anteriores. A literatura tem amplamente relatado possíveis relações entre aprendizagem de leitura e escrita com habilidades de consciência fonológica⁶. O presente estudo aponta em todas as séries, valores próximos à quantidade de queixas em dificuldade com ortografia e troca na escrita com troca na fala. Estudos nessa área têm demonstrado que para a criança aprender a ler é essencial que tenha habilidades de processamento fonológico⁷. Guimarães, em estudo sobre habilidades metalinguísticas e desempenho na leitura e escrita encontrou indícios de que grande parte das dificuldades em leitura e escrita está relacionada com problemas de natureza fonológica⁸. Os achados indicam que a capacidade de refletir sobre a estrutura sonora da fala bem como manipular seus

componentes estruturais, a chamada consciência fonológica, está intimamente relacionada à aprendizagem da leitura e escrita.

Estudo sobre aquisição de linguagem oral e sua relação com a linguagem escrita demonstrou também, que a consciência fonológica não constitui um fator determinante na aquisição de regras ortográficas, mas está relacionada à aquisição de regras ortográficas que dependem de uma análise mais minuciosa do contexto grafo-fônico da palavra para verificar qual a grafia que se aplica⁹.

Em relação à variável gênero, a pesquisa encontrou diferença entre meninos e meninas, apresentando o sexo masculino um maior número de queixas quanto às dificuldades em escrever texto, troca na fala e na escrita. Os resultados quanto à alteração na fala corroboram dentre outros com os estudos de Wertzner, Gálea e Almeida, que apontam o desvio fonológico sendo mais prevalente no sexo masculino¹⁰. Lima, Guimarães e Rocha caracterizaram a população com diagnóstico fonoaudiológico de alteração de linguagem e demonstraram que a frequência das alterações de linguagem foi também maior no sexo masculino¹¹. Sobre essa maior ocorrência de queixas no sexo masculino, não se encontram justificativas comprovadas. Sugere-se que este fato pode estar relacionado a fatores neurológicos (a maturação cerebral é mais lenta), hormonais (níveis alterados de testosterona poderiam dificultar a realização de conexões ideais pelo sistema nervoso), genéticos e sociais (as cobranças do meio social são mais frequentes e intensas com os meninos, exigindo-se que sua fala seja sempre correta).¹²

Com relação à faixa etária verificou-se queixas de troca na fala em todas as idades, sendo este achado maior em crianças com idade entre 6 a 11 anos. Um estudo descrevendo a implantação de programa específico de atendimento às dificuldades de

aprendizagem, demonstra que a idade das crianças variou de 4 a 13 anos, e que o maior número de crianças atendidas concentra-se na faixa etária dos 6 aos 10 anos, período destinado à aprendizagem da leitura, escrita e do raciocínio lógico matemático¹³.

O valor encontrado de crianças com idade superior ao esperado para a série em curso foi de 23,3 %. Semelhante à pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE, 2007), com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, a frequência de estudantes matriculados em um nível abaixo do indicado para a sua idade foi de 25,7 %¹⁴. Observando os alunos com inadequação da série e idade, 66,6 % também apresentam queixas relacionadas à dificuldade na comunicação, demonstrando que essa variável pode ter relação com as dificuldades apresentadas, no entanto, não se pode afirmar esta relação, uma vez que as crianças que não se enquadravam na inadequação apresentaram as mesmas queixas. Vale ressaltar que segundo a recomendação do MEC¹⁵ publicada em 19 de março de 2011, mas que tem sido adotada desde 2005, as escolas não devem reprovar nos três primeiros anos do ensino fundamental evidenciando que, apesar das dificuldades verificadas nas crianças em termos de sua aprendizagem, são postergadas o que não significa que são superadas na série seguinte.

Os resultados do presente estudo demonstram uma alta frequência de queixas sobre dificuldade na comunicação. As queixas referidas pela população estudada podem ser indicativas dessa frequência em outros escolares da região estudada, que não foi possível contemplar nessa pesquisa. Sendo assim, este é um dado preocupante, pois os escolares analisados apresentam características comuns com toda a população da região em questão. Fazem-se necessários maiores esforços no sentido de buscar mais informações sobre a saúde comunicativa dessa população e evitar prejuízos na vida dos

escolares. Diante de tantas crianças com dificuldade no processo comunicativo, destaca-se a necessidade de capacitação dos profissionais que estão em contato com elas, de modo que possam lidar melhor com essas dificuldades e consigam estimular e promover melhor desempenho e qualidade de vida do escolar.

REFERÊNCIAS

- 1 - Wertzner HF, Lins, L. Distúrbios da Linguagem. In: Sucupira ACSL et AL. *Pediatria em Consultório*. São Paulo: Sarvier, 2000. P. 627-8. 4ª edição.
- 2 - Silva MR, Cãnedo LB, Marchesan IQ. Alterações de fala em escolares do ensino fundamental: ocorrência, identificação e condutas adotadas. Publicado nos anais do 16º Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia (2008).
- 3 - Rabelo ATV, Friche AAL. Prevalência de alterações fonoaudiológicas em crianças de 5 a 9 anos de idade de escolas particulares [trabalho de conclusão de curso]. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais; 2006.
- 4 - Goulart BNG, Chiari BM. Prevalência de desordens de fala em escolares e fatores associados. *Revista de Saúde Pública*, 2007; 41-5.
- 5 – Caldas JMS. Alterações fonoaudiológicas em escolares. *Revista Educação*, vol. 2 – Janeiro / Junho de 2009.
- 6 – Paolucci JF, Ávila CRB. Competência ortográfica e metafonológica: influências e correlações na leitura e escrita de escolares da 4ª série. *Rev Soc Bras Fonoaudiol*. 2009; 14(1): 48-55.
- 7 – Maluf MR, Barrera SD. Consciência fonológica e linguagem escrita em pré-escolares. *Psicol Reflex Crit*. 1997; 10(1): 125-45.
- 8 - Guimarães SRK. Dificuldades no Desenvolvimento da Lectoescrita: O Papel das Habilidades Metalinguísticas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Jan-Abr 2003, Vol. 19 n. 1, pp. 033-045.
- 9 - França MP, Wolff CL, Moojen S, Rotta NT. Aquisição da linguagem oral: relação e risco para linguagem escrita. *Arq Neuropsiquiatr*. 2004; 62(2b): 469-72.
- 10 – Wertzner HF, Galea DES, Almeida RC, Uso do processo fonológico de simplificação de velar em crianças de 2;1 a 3;0 anos de idade. *Jornal Brasileiro de Fonoaudiologia*. 2001; 2(8).
- 11- Lima BPS, JATL, Rocha MCG. Características epidemiológicas das alterações de linguagem em um centro fonoaudiológico do primeiro setor. *Rev Soc Bras Fonoaudiol*. 2008; 13(4): 376-80.

12 – Hage SRV, Faiad LNV. Perfil de pacientes com alteração de linguagem atendidos na clínica de diagnóstico dos distúrbios da comunicação – Universidade de São Paulo – Campus Bauru. Rev CEFAC. 2005; 7(4): 433-40.

13 - Marini JAS, Depiatti SH. Dificuldades de aprendizagem: a experiência de atendimento especializado no sistema educacional de Jundiaí. Revista Educação, vol. 2 – Janeiro / Junho de 2010.

14 - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (IBGE). Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1233&id_pagina=1. Acesso em: 30 de novembro de 2011.

15 – MEC, Ministério da Educação e Cultura. Disponível em <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2011/03/19/i,243455/mec-escolas-nao-devem-reprovar-nos-3-primeiros-anos-do-ensino-fundamental.shtml>.

Acesso em: 25 de novembro de 2011.

Tabela 1. Características Sociodemográficas das Crianças Estudadas (N= 90)

| Características | n | % |
|--------------------------------|----------|----------|
| Faixa Etária | | |
| 6 anos a 8 anos | 51 | 56,6 |
| 9 anos a 11 anos | 30 | 33,3 |
| 12 anos a 14 anos | 9 | 10,0 |
| Sexo | | |
| Masculino | 49 | 54,4 |
| Feminino | 41 | 45,6 |
| Escola | | |
| Escola 01 | 40 | 44,4 |
| Escola 02 | 50 | 55,5 |
| Série | | |
| 1º ano | 20 | 22,2 |
| 2º ano | 20 | 22,2 |
| 3º ano | 10 | 11,1 |
| 4º ano | 20 | 22,2 |
| 5º ano | 20 | 22,2 |
| Adequação idade à série | | |

| | | |
|------------|----|------|
| Adequado | 69 | 76,6 |
| Inadequado | 21 | 23,3 |

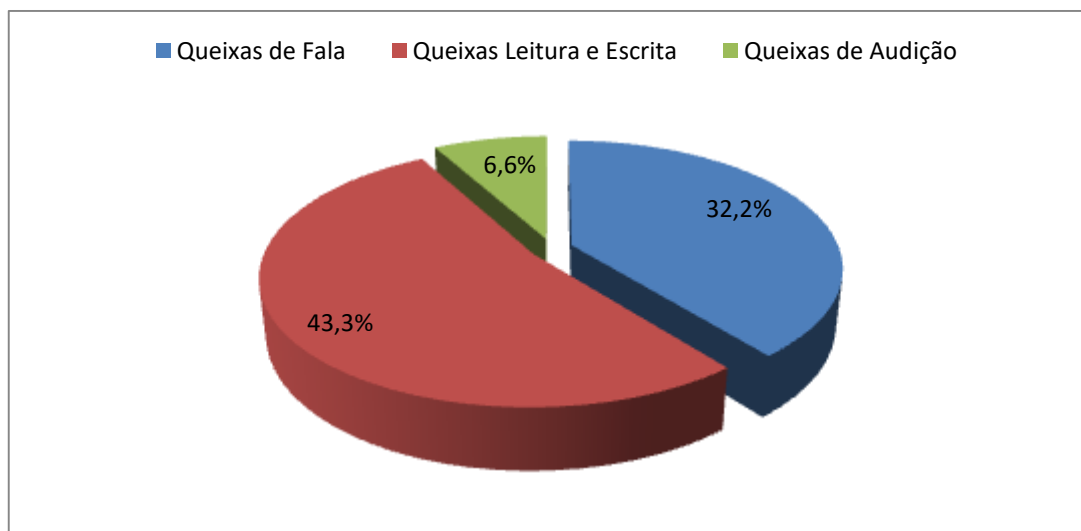


Gráfico 1. Frequência das queixas sobre distúrbios da comunicação

Tabela 2. Queixas auto referidas sobre distúrbios da comunicação

| Queixas | 1º Ano | 2º Ano | 3º Ano | 4º Ano | 5º Ano | Total |
|---|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|--------------|
| Leitura e Escrita | 9 | 8 | 4 | 10 | 8 | 39 |
| Traçado da letra | 7 | 5 | 4 | 4 | 4 | 24 |
| Ortografia | 5 | 4 | 4 | 9 | 7 | 29 |
| Compreender o que leu | 7 | 4 | 2 | 7 | 6 | 26 |
| Escrever textos | 8 | 8 | 4 | 10 | 7 | 37 |
| Troca | 7 | 5 | 3 | 6 | 8 | 29 |
| Omissão | 2 | 3 | 0 | 5 | 0 | 10 |
| Junta ou separa palavras indevidamente | 6 | 3 | 2 | 7 | 6 | 24 |
| Dificuldade para ouvir | 0 | 1 | 1 | 3 | 1 | 6 |
| Fala | 8 | 5 | 4 | 5 | 7 | 29 |
| Troca | 8 | 5 | 2 | 5 | 6 | 26 |
| Omissão | 3 | 0 | 0 | 3 | 1 | 7 |
| Distorção | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Gagueira | 0 | 0 | 2 | 3 | 3 | 8 |

A mesma criança pode apresentar mais de uma queixa

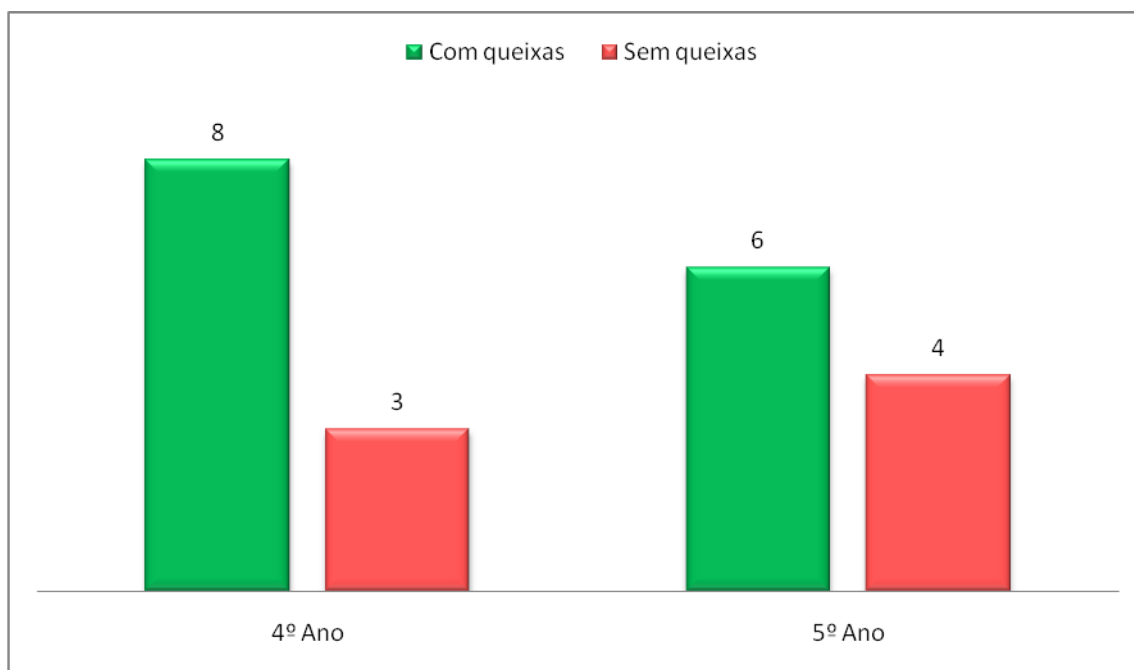


Gráfico 2. Presença de queixas sobre distúrbios da comunicação em escolares com inadequação série/idade

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Revista Baiana de Saúde Pública (RBSP), publicação oficial da Secretaria da Saúde do Estado da Bahia (SESAB) de periodicidade semestral dedica-se a publicar contribuições sobre aspectos relacionados aos problemas de saúde da população e à organização dos serviços e sistemas de saúde e áreas correlatas. Serão aceitas para publicação as contribuições escritas preferencialmente em português, de acordo com as normas da RBSP publicadas, obedecendo a ordem de aprovação pelos editores.

CATEGORIAS ACEITAS:

1. Artigos originais

1.1 Pesquisa: artigos apresentando resultados finais de pesquisas científicas (10 a 15 laudas)

1.2 Ensaio: artigos com análise crítica sobre um tema específico (5 a 8 laudas)

1.3 Revisão: artigos com revisão crítica de literatura sobre tema específico, solicitados pelos editores (8 a 10 laudas)

2. Comunicações: informes de pesquisas em andamento, programas e relatórios técnicos (5 a 8 laudas)

3. Teses e dissertações: resumos de dissertações de mestrado e teses de doutorado/livre docência defendidas e aprovadas em universidades brasileiras (máximo 2 laudas). Os resumos devem ser encaminhados com o título oficial da tese, dia e local da defesa, nome do orientador e local disponível para consulta.

4. Resenha de livros: resenhas de livros publicados sobre temas de interesse, solicitados pelos editores (1 a 4 laudas)

5. Relato de experiências: apresentando experiências inovadoras (8 a 10 laudas)

6. Carta ao editor: carta contendo comentários sobre material publicado (2 laudas).

7. Editorial: de responsabilidade do editor, podendo ser redigido por

convidado por solicitação deste.

8. Documentos: de órgãos oficiais sobre temas relevantes (8 a 10 laudas).

ORIENTAÇÕES AOS AUTORES INSTRUÇÕES GERAIS PARA ENVIO

1. Os trabalhos a serem apreciados pelos editores e revisores seguirão a ordem de recebimento e deverão obedecer aos seguintes critérios de apresentação.

2. Devem ser encaminhados à secretaria executiva da revista, uma cópia impressa. As páginas devem ser formatadas em espaço duplo com margem de 3cm à esquerda, fonte Times New Roman, tamanho 12, página padrão A4, numeradas no canto superior direito (não numerar as páginas contendo tabela, gráfico, desenho ou figura). Podem também, ser enviados para o e-mail da revista desde que não contenham desenhos ou fotografias digitalizadas.

Uma cópia em CD – ROOM ou via E- Mail deverá ser entregue com a versão final aceita para publicação.

ARTIGOS

Folha de rosto: deve constar, o título (com versão em inglês), nome(s) do(s) autor (es), principal vinculação institucional de cada autor, órgão(s) financiador (es) e endereço postal e eletrônico de um dos autores para correspondência.

Segunda folha: iniciar com o título do trabalho sem referência à autoria e acrescentar um resumo de no máximo 200 palavras, com versão em inglês (abstract). Trabalhos em espanhol ou inglês devem também ter acrescido, o resumo em português. Palavras-chave (3 a 8), extraídas do vocabulário DECS (Descritores em Ciências da Saúde/ www.decs.bvs.br) para os resumos em português e do MESH (Medical Subject Headings / www.nlm.nih.gov/mesh) para os resumos em inglês.

Terceira folha: Título do trabalho sem referência à autoria e início do texto com parágrafos alinhados nas margens direita e esquerda justificados), observando a seqüência: introdução, incluindo justificativas, citando os objetivos no último parágrafo; material e métodos; resultados, discussão e referências bibliográficas. Digitar em página independente os agradecimentos quando necessários.

TABELAS, GRÁFICOS E FIGURAS

Obrigatoriamente, os arquivos das tabelas, gráficos e figuras devem ser digitados em arquivos independentes e impressos em folhas separadas.

Estes arquivos devem ser compatíveis com processador de texto "Word for Windows" (formatos: PICT, TIFF, GIF, BMP). O número de tabelas, gráficos e, especialmente, ilustrações deve ser o menor possível. As ilustrações, figuras e gráficos coloridos somente serão publicados se a fonte de financiamento for especificada pelo autor. No texto do item resultados, as tabelas, gráficos e figuras devem ser numeradas por ordem de aparecimento no texto, com algarismos arábicos e citadas em negrito (e.g. "... na Tabela 2 as medidas ..) Tabela (não utilizar linhas verticais), Quadro (fechar com linhas verticais as laterais). O título deve ser objetivo e situar o leitor sobre o conteúdo, digitado após o número da Tabela, Gráfico, etc., e.g.: Gráfico 2. Número de casos de AIDS no Brasil de 1986 a 1997, distribuído conforme a região geográfica. Figuras reproduzidas de outras fontes já publicadas, devem indicar esta condição na legenda.

ÉTICA EM PESQUISA

Trabalho que tenha implicado em pesquisa envolvendo seres humanos ou outros animais, deve vir acompanhado de cópia de documento que atesta a sua aprovação prévia por um comitê de ética em pesquisa (CEP), além da referência em material e métodos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Preferencialmente qualquer tipo de trabalho encaminhado (exceto artigo de revisão) deverá ter até 30 referências.

As referências bibliográficas no corpo do texto deverão ser numeradas em sobrescrito, consecutivamente na ordem em que foram mencionadas a primeira vez no texto.

As notas explicativas e /ou de rodapé são permitidas e devem ser ordenadas por letras minúsculas em sobrescrito.

As referências devem aparecer no final do trabalho, listadas pela ordem de citação, seguindo as regras propostas pelo Comitê Internacional de Editores de Revistas Médicas Disponíveis em <http://www.icmje.org> ou www.abec-editores.com.br (Requisitos uniformes para manuscritos apresentados a periódicos biomédicos/ Vancouver).

Exemplos:

A) LIVRO

Acha PN, Szyfres B. Zoonosis y enfermedades transmisibles comunes AL hombre y a los animales. 2ed. Washington: Organizacion panamericana de la salud; 1989.

B) CAPÍTULO DE LIVRO

Almeida JP, Rodriguez TM, Arellano JLP. Exantemas infecciosos infantiles. In: Arellano JLP, Blasco AC, Sánchez MC, García JEL, Rodríguez FM, Álvarez AM (ed). Guía de autoformación en enfermedades infecciosas. 1ª ed. Madrid: Panamericana; 1996. p. 1155-68.

C) ARTIGO

Azevêdo ES, Fortuna CMM, Silva KMC, Sousa MGF, Machado MA, Lima AMVMD, Aguiar ME, Abé K, Eulálio MCMN, Conceição MM, Silva MCBO, Santos MG. Spread and diversity of human populations in Bahia, Brazil. Human Biology 1982; 54: 329-41.

D) TESE E DISSERTAÇÃO

Britto APCR. Infecção pelo HTLV-I/II no Estado da Bahia. Dissertação de Mestrado. Salvador, Bahia: 114p. Universidade Federal da Bahia; 1997.

E) RESUMO PUBLICADO EM ANAIS DE CONGRESSO

Santos-Neto L, Muniz-Junqueira I, Tosta CE. Infecção por Plasmodium vivax não apresenta disfunção endotelial e aumento de fator de necrose tumoral-· (FNT-·) e interleucina-1· (IL-1·). In: Anais do XXX Congresso da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, Salvador - Bahia.1994p.272.

F) Documentos extraído de endereço da INTERNET.

Autores ou sigla e/ou nome da instituição principal]. [Título do documento ou artigo] Extraído de [endereço eletrônico], acesso em [data].

Exemplo:

COREME, Comissão de Residência Médica do Hospital Universitário Professor Edgard Santos (HUPES) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Regimento Interno da COREME. Extraído de [http://www.hupes.ufba.br/coreme], acesso em [20 de setembro de

2001].

Não incluir no capítulo "Referências Bibliográficas" dados não-publicados ou informação pessoal, nestes casos assinalar no texto: (i) FF Antunes

Filho & Costa SD: dados não-publicados ou (ii) JA Silva: comunicação pessoal, 1997. Todavia, se o trabalho citado foi aceito para publicação incluí-lo entre as referências, citando os registros de identificação necessários (autores, título do trabalho ou livro e periódico ou editora), seguido da expressão latina *In press* e o ano.

Quando o trabalho encaminhado para publicação for sob outra forma (relato de investigação epidemiológica, relato de fato histórico, comunicação, resumo de trabalho final de curso de pós-graduação, relatórios técnicos, resenha bibliográfica e carta ao editor, o(s) autor (es) deve(m) utilizar linguagem objetiva e concisa, com informações introdutórias curtas e precisas e delimitando o problema ou a questão objeto da investigação. Seguir as orientações para referências bibliográficas, gráficos, tabelas e figuras.

As contribuições encaminhadas só serão aceitas para apreciação pelos editores e revisores, se atenderem às normas da revista.

comité